



OBSERVATÓRIO
BAIXO ALENTEJO

PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica
P O R T U G A L 2 0 2 0 / 2 0 3 0



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

Os contributos do Observatório do Baixo Alentejo para o futuro

Passados mais de 20 anos sobre o debate da regionalização administrativa e mais de 40 anos sobre a Constituição de 1976, é fácil de entender a progressiva desertificação, a redução de população e o aumento da pirâmide etária que as regiões mais interiores de Portugal apresentam.

No que respeita ao Baixo Alentejo, o enorme volume de investimentos que permitiu alavancar o "triângulo do desenvolvimento", Alqueva/Aeroporto/Porto Sines, não teve, nos anos seguintes, o consequente planeamento, nem os investimentos necessários, para potenciar e integrar na sua plenitude estas importantes infra-estruturas.

É um quadro muito preocupante a que os poderes públicos nem sempre têm dado a devida relevância, fruto, igualmente, da incapacidade da sociedade civil se agregar em volta dos temas principais para inverter o atual estado de inércia a que o interior está votado.

Por mais que sejam as vontades dos poderes públicos em desconcentrarem competências, em criarem ministérios que visam a coesão transversal do território, na verdade, sem a participação dos atores locais – públicos e privados – não é possível motivar vontades nem articular políticas abrangentes que visem o desenvolvimento integrado do interior numa visão da sociedade civil acima das habituais lutas partidárias.

Dada esta enorme lacuna e sem prejuízo da participação de outras referências da sociedade baixo-alentejana, o Observatório do Baixo Alentejo (OBA), associação em fase de constituição e registo, pretende criar um espaço de diálogo e de reflexão permanente a nível regional, nacional e ibérico, propondo inúmeras ações, medidas e projetos que, em articulação com a sociedade civil e as instâncias públicas, designadamente, o Estado, as Autarquias e as Associações e Coletividades locais/regionais, visem o desenvolvimento regional integrado, acompanhando e reivindicando a sua plena execução.

O Observatório do Baixo Alentejo dá o seu primeiro passo público colaborando na Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica de Portugal 2020/2030, apresentando, ainda que de forma sucinta, uma nova visão do território desde a capital atlântica/Sines até Sevilha, unidas pela Pax Julia/ Beja capital, criando uma nova centralidade.

Conforme enaltecido estatutariamente, o Observatório do Baixo Alentejo "deve aglutinar representantes da sociedade civil organizada, executivos e profissionais liberais de diversas áreas, em regime de voluntariado ou outro, dispostos a contribuir com os objetivos do Observatório do Baixo Alentejo, nomeadamente na perspectiva de um maior desenvolvimento económico e social" da região e do país.

Nos anos 90, no âmbito do estudo para o então 2.º Quadro Comunitário de Apoio, foram definidos eixos de desenvolvimento vertical e horizontal em Portugal Continental que seriam as verdadeiras "autoestradas" do desenvolvimento, que não passariam, apenas, pela criação e modernização de vias rodoviárias e ferroviárias mas também pela interação entre os chamados municípios de "média dimensão", essenciais a uma política de coesão e de desenvolvimento a que se devem associar as instituições de investigação do ensino superior e universitário.

PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica

P O R T U G A L 2 0 2 0 / 2 0 3 0

Pretendemos que o Observatório do Baixo Alentejo possa intervir e ser um espaço de debate que possa granjear um novo futuro que todos queremos diferente, unindo e agregando a sociedade civil e, sobretudo, contribuindo para que se possa ouvir, nos vários estádios de decisão política, uma voz crítica, construtiva e atuante bem acima de quaisquer perspetivas de fação que não visem uma visão de desenvolvimento integrada para a região e, no limite, para o país.

Desejamos enquadrar as diversas oportunidades de forma integrada, com uma visão de território em que os espaços geoeconómicos se movimentem na criação de uma maior valorização dos seus produtos, mas igualmente de forma mais sustentada e mais justa para as suas populações.

Por tudo o que dissemos – e que ainda queremos dizer – é este o nosso primeiro manifesto em prol do desenvolvimento do Baixo Alentejo!



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

Sobre o plano de recuperação económica Portugal 2020/2030

Percorremos os 10 eixos que António Costa Silva considera prioritários no âmbito do plano de recuperação económica do País. Em todo o seu espírito reconhecemos as mesmas deficiências estruturais e os mesmos desafios, que sendo necessários para a Recuperação Económica de Portugal nos próximos anos, são igualmente fundamentais, no espírito e no fundamento, para colocar a valorização do Baixo Alentejo ao serviço dos interesses económicos e sociais de Portugal nas próximas décadas. Quanto mais valorizadas forem as potencialidades do Baixo Alentejo, mais facilmente se combatem as adversidades identificadas pelo Prof. António Costa Silva.

Acrescentando a nossa visão como complemento do documento, enquadrámos os projetos e iniciativas que, em nossa opinião, podem contribuir para alavancar o desenvolvimento deste território com uma identidade única que é o Baixo Alentejo. São propostas que, ainda que não sejam mencionadas expressamente, devem ser consideradas como um desenvolvimento lógico do documento. E que, concretizando-se, permitem dar resposta aos problemas nele enunciados enquadrando-se na visão estratégica ali defendida.

Partilhamos a mesma visão à escala da nossa região, que acreditamos ter potencial e capacidades de afirmação quer no contexto nacional quer nos contextos ibérico e europeu. Essa mais valia é um contributo inestimável para o fortalecimento dos objetivos do documento apresentado por Antonio Costa Silva.



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

Uma nova visão do território

O reforço da Coesão Territorial, potenciando um crescimento próspero, justo, eficiente e equilibrado entre litoral e interior, pode ter no território do Baixo Alentejo o seu melhor exemplo. A necessidade de aplicar em novos Planos e estratégias globais uma nova visão do território continental também deve ser tida em consideração nas diversas partes do território nacional, como é o caso do Baixo Alentejo. Sobretudo porque neste território se faz com naturalidade e identidade a ligação entre o litoral e o interior, desde Sines até Espanha.

PENSAR LOCAL, AGIR GLOBAL: é este o novo paradigma da governação dos territórios, alterando o pensamento que até aqui liderou a definição de estratégias e de afirmação de pensamentos. É a partir de um território, com dinâmica própria que se deve alargar o espectro das suas influências, ganhando escala e dimensão capazes de enriquecer e influenciar os territórios envolventes, gerando uma força comum de valorização social e de projecção económica global.

COESÃO TERRITORIAL: A localização geográfica e a definição territorial do Baixo Alentejo, são, provavelmente, no contexto nacional, o melhor exemplo da possibilidade de se implementarem medidas de coesão e de valorização equilibrada entre litoral e interior. A ligação natural e identitária do território tem aqui uma dimensão própria, com infraestruturas e projetos complementares e que ganham valor entre si desde o Atlântico até Espanha. Essa conexão entre Sines e Espanha, passando pela potencialidade de Beja como infraestrutura aeroportuária de apoio à rede nacional de aeroportos, o 'cluster' mineiro de Aljustrel e Castro Verde, o 'cluster' da transformação agroalimentar, entre outros que sendo potenciados e orientados numa visão construtiva abrem uma nova perspetiva de desenvolvimento e de multiplicação do impacto económico no PIB, das exportações e da competitividade nacionais gerando melhor e maior empregabilidade, através de investimentos públicos e privados, potenciando as cidades-fronteira como espaços geoeconómicos integrados com os territórios vizinhos de Espanha, criando assim um novo espaço de progresso e de reforço do espírito Europeu: o Sudoeste Ibérico.

De acordo com o plano de recuperação económica, o investimento na ciência, tecnologia, conhecimento e recursos humanos deve ser desenhado para construir espaços geoeconómicos integrados e consolidar os 'clusters' locais/regionais nas mais diversas áreas. Para nós, não faz qualquer sentido o plano não incluir Beja e o Baixo Alentejo (provavelmente a região do País onde o setor agroalimentar se tem revelado mais dinâmico) como centro do 'cluster' agrícola e florestal; tal como Aljustrel e Castro Verde (mas também Grândola/Lousal e Mértola/Mina de São Domingos) formam um importante 'cluster' mineiro que é necessário valorizar e desenvolver; tal como o 'cluster' do mar, em Sines, o do azeite (com sede em Moura) ou da paisagem rural e agrícola (Serpa), São setores onde é possível explorar o conceito de 'hinterland' ibérico, em parceria com entidades/cidades da Andaluzia (Sevilha e Fundação Tinto, por exemplo). Propomos a criação de um Centro para a Promoção e Valorização do Mundo Rural, a funcionar no Baixo Alentejo, vocacionado para a inovação, tecnologia e criação de escala para os produtos do mundo rural.

CIDADES ÂNCORA: Para a afirmação de uma nova visão do território é fundamental assumir, com a naturalidade que os pólos hoje oferecem, a criação de cidades-âncora a partir do Baixo Alentejo e que possam estabelecer pontos de contacto e de ligação estratégica com outras cidades-âncora em Espanha e no norte de África. Como exemplo desta visão destacamos a necessidade de reforçar Beja como capital do Baixo Alentejo com a afirmação de Sines como capital Atlântica da região e com um papel essencial no Sudoeste Ibérico a par de portos como Huelva, Cádiz, Málaga e Algeciras.

PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

Valorizar o território

O Baixo Alentejo constitui-se como um território de diversas potencialidades, complementares entre si na maioria dos casos e de reforço às estratégias nacionais, como são em primeiro lugar a sua localização geográfica, que se inicia em Barrancos junto à fronteira com Espanha, ocupando um microclima específico que valoriza uma faixa de transformação de produtos de porco alentejano e até à ligação atlântica em Sines, onde emergem com sucesso e pujança os projetos do Porto de Sines e de produção de energias, em particular o hidrogénio verde. E nesse imenso espaço do território do sul destacam-se ainda outros projectos e infraestruturas de especial relevo para a economia nacional que importa valorizar e ligar entre si, como são o Alqueva, o aeroporto de Beja e o cluster mineiro (que inclui as duas minas de extracção de Aljustrel e Neves Corvo).

A importância estratégica destas infraestruturas em áreas de negócio tão diversas e com especiais incidências nos mercados externos, permite enquadrar o Baixo Alentejo na construção de um corredor do sudoeste ibérico que permita o ganho em escala e na valorização dos territórios envolventes como o alto Alentejo, a Extremadura, a Andaluzia e o Algarve, com ligações estratégicas ao Norte de África.

Note-se como bastante importante que existe num só território a ligação funcional entre o Atlântico e o Mundo, bem como a Europa através de Espanha, um porto de águas profundas com o valor e o posicionamento estratégico como o de Sines, a albufeira de Alqueva como elemento de reserva e fornecimento de água (essencial no combate às alterações climáticas) e o aeroporto de Beja capaz de se assumir como complementar à rede aeroportuária nacional através do desenvolvimento de projectos de transporte de carga, de logística, de manutenção/aeronautica, de desenvolvimento de centros de inteligência tecnológica e de passageiros (em modelo reduzido mas suficiente ao apoio aos aeroportos de Faro e de Lisboa/Montijo. É olhando para esta realidade que se percebe a oportunidade de ligar entre si os pontos existentes, sem custos consideráveis de novas infraestruturas e desenvolver neste território o ou um dos hinterland ibérico.



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

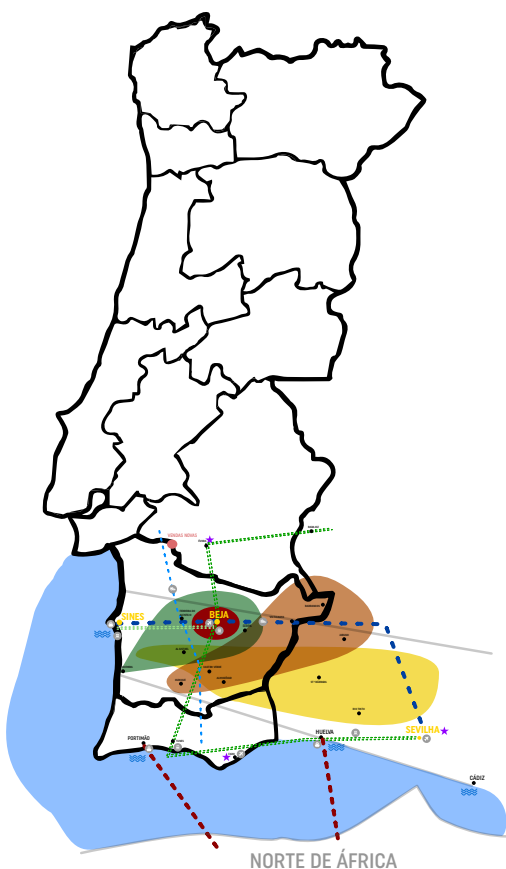
O sudoeste Ibérico

É pela sua localização e pelos valores estratégico e económico das suas infraestruturas que o território ganha particular importância na ligação com a Europa, a partir do desenvolvimento do corredor do sudoeste ibérico, com o Norte de África e com o resto do mundo a partir de Sines. Esta mais valia é inegável e só pode ser alvo de aproveitamento, nomeadamente como aposta política a uma visão sustentável e dinâmica do território. A criação do Sudoeste Ibérico ganha forma natural a partir do Baixo Alentejo, como foi definido há dois mil anos pelo império romano, acrescentando valor e territórios, experiências e riqueza essenciais à afirmação de um supra-território que seja dinâmico entre si, solidário e complementar nos objetivos e nos interesses.

A afirmação do Sudoeste Ibérico é não só a afirmação do Baixo Alentejo e do seu território, como também do Alto Alentejo, do Algarve, da Andaluzia e da Extremadura, regiões essenciais à ligação social e económica com Espanha e com o Mundo, através do Atlântico e do Norte de África.

O CORREDOR IBÉRICO: É por isso fundamental entender o território económico que se inicia no Porto Sines, que se dirige a Beja, atravessando o cluster mineiro e o cluster de transformação agroalimentar, o Alqueva e com ligação direta através de Sevilha e Huelva, com ligações ao centro da Europa por via marítima e ferroviária, quer através do corredor atlântico, quer do mediterrânico, reforçando a rede transeuropeia de transportes e até ao Norte de África, através de Huelva, de Cádiz ou de Portimão, na vertente de transporte rodado e de *ferries* que poderão, igualmente, servir a Madeira, as Canárias e o Norte de África. O impacto económico da dinamização deste corredor é crescente, criando novas oportunidades de negócio e de valorização dos índices de exportação, assim como contribui para atenuar os efeitos das alterações climáticas, a valorização social através de inclusão de novas comunidades e no combate à pobreza.

A GEOECONOMIA: O Baixo Alentejo, constituindo-se como o motor dinâmico de um supra território do sudoeste ibérico, a partir da articulação e ligação das suas infraestruturas, serviços e produtos, assume uma maior relevância pelo seu posicionamento geográfico e pela sua capacidade de dinamização económica de um território, em acréscimo às necessidades nacionais identificadas e com o mesmo espírito. Essa sua relevância geo-económica é em parte uma resposta positiva e de valor à estratégia relevada no documento de Visão Estratégica e do Plano de Recuperação Económica Portugal 2020, dirigido pelo Prf, António Costa Silva, que subscrevemos no sentido de orientação macro. Refira-se como factor relevante o impacto económico actual da região de 1.4 mil milhões de euros de exportações, que podem ser multiplicados várias vezes nas próximas décadas, com impacto significativo na economia nacional e valorização da competitividade.



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

Gerar massa crítica e apostar no repovoamento

Se é verdade que a região tem a seu favor as infraestruturas existentes, o posicionamento geográfico e as potencialidades de criação de novos mercados e produtos internacionais tem também, como está identificado no plano de recuperação económica, a mesma necessidade de investir em massa crítica, como elemento de enriquecimento do pensamento e de valorização social e económica da população em resposta aos desafios presentes e futuros. É nesse sentido que se defende a criação de uma Universidade do Baixo Alentejo, não necessariamente em sentido físico clássico (processo moroso), mas na perspetiva de desenvolvimento de respostas qualificadas de ensino superior complementar ao Instituto Politécnico de Beja e cujas valências e ofertas devem ser reforçadas.

O necessário reforço do ensino superior Politécnico em Beja incluído no novo ciclo de investimentos e na capacitação dos centros tecnológicos, como defendido no plano de recuperação económica, não é incompatível com a defesa de uma aposta no ensino universitário para o Baixo Alentejo, pensada numa articulação estreita com o tecido empresarial e de olhos postos no Atlântico e no Norte de África. Beja reúne todas as condições para se afirmar como sede de um importante Centro de Estudos Árabes que promova a ligação entre universidades em domínios como as ciências sociais, políticas e económicas, a história e a arqueologia, a sociologia e as relações internacionais.

É decisivo atrair, através do conhecimento, mais população qualificada, desenvolvendo assim a massa crítica necessária à projeção social económica do território, às necessidades de repovoamento e de integração de novas culturas e comunidades a partir dos actuais ciclos migratórios. Se entendermos que esses ciclos migratórios são parte da solução ao desenvolvimento do nosso território, através dos seus, em muitos casos, níveis de qualificação superior e à mão de obra especializada. Nesse sentido a aposta deve estar na integração digna das comunidades, em condições de qualidade de vida inquestionáveis e necessárias ao combate à pobreza.

REDES ARTÍSTICAS: Criação em todo o Baixo Alentejo (aldeias, vila e cidades) de uma rede de residências e eco residências para apoio a artistas e criadores, interligada com os cineteatros e demais equipamentos existentes no território, em "diálogo" com associações, artistas e criadores regionais e em parceria (tanto no processo criativo como na exibição) com instituições congéneres da Andaluzia.

COMBATER A DESERTIFICAÇÃO: Estrutura operacional do Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação, o Observatório Nacional da Desertificação deverá ser deslocalizado para o Baixo Alentejo (Mértola), território que se encontra na primeira linha dos problemas provocados pelas alterações climáticas.



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

UNIFORMIZAÇÃO DAS CIM: Para uma melhor ação no território e para a adequação dos projetos municipais e intermunicipais à estratégia global do Baixo Alentejo e do Sudoeste Ibérico, é importante a harmonização das Comunidades Intermunicipais do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral progressivamente numa só entidade, com intervenção coerente e assertiva de todo o território, do seu valor efectivo global e de agregação de projetos locais e regionais às grandes infraestruturas de dinamização económica e social. A intervenção dos municípios e a sua ação intermunicipal a partir da CIM é fundamental para dar consequência às políticas globais de desenvolvimento, com ganhos para território concelhio e integração dos mesmos nas dinâmicas.

REGENERAÇÃO URBANA E POLITICAS DE ATRACTIVIDADE: A importância dos programas de regeneração urbana desenhados, em regra, para recuperar edificado nos centros das cidades, não deve ser desacompanhada de um plano específico para a recuperação do edificado devoluto em pequenas aldeias do Baixo Alentejo, muitas delas com seríssimos problemas de envelhecimento e despovoamento e a sua colocação no mercado de arrendamento, para "novos povoadores" ou até como "segunda habitação", a preços acessíveis.



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

Uma nova visão dos recursos financeiros

É importante, fundamental até, que para a afirmação desta nova visão de governação dos territórios se apliquem critérios de valor e de mérito das iniciativas, das suas ligações e potencialidades externas, sobretudo no alargamento do espectro geográfico transnacional e não, como até agora, numa distribuição aritmética de investimentos e verbas, que muitas vezes cria desequilíbrios e torna inconsequentes muitos projetos financiados. Daí ser primordial que a gestão dos fundos financeiros seja feita com base nas necessidades e dinâmicas do setor económico privado e do social, da sua capacidade de investimento, do seu empreendedorismo e da sua visão. Contrariando em parte, a tendência de municipalização dos fundos financeiros, dos recursos e das oportunidades.



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica

PORTUGAL 2020/2030

Modernizar a rede de serviços de saúde

O primeiro programa funcional e projeto técnico para "remodelação e ampliação" do Hospital de Beja tem quase 50 anos, tendo sido alterado e revisto várias vezes, ao longo dos anos. Só a sua concretização (com um investimento estimado em cerca de 25 milhões de euros) permitirá melhorar as condições de acesso aos serviços de saúde, em áreas como o internamento, consultas externas, urgência geral e pediátrica, unidade de cuidados intensivos, bloco operatório, entre outras. É igualmente fundamental a criação de um programa de fixação de médicos (em articulação com os restantes hospitais da Administração Regional de Saúde do Alentejo) que permita suprir a carência de profissionais.

É por isso decisivo desenvolver um projeto integrado de modernização dos serviços de saúde pública, desde a agregação numa só das unidades locais de saúde do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral, de criação de uma rede que se complemente desde Santiago do Cacém a Beja e Serpa, reforçada no novo Hospital de Évora, tendo em conta a realidade geográfica do território, as distâncias e os índices de isolamento das populações.



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

Prioridade às empresas e sector social

É fundamental que uma nova visão de desenvolvimento económico e social tenha como objetivo valorizar na prática a atividade e a dinâmica da iniciativa privada, as empresas e as IPSS, como modelos de desenvolvimento económico sustentado essenciais no combate à pobreza e à diminuição das dependências do sector público. Se assim for promove-se a equidade, a igualdade e a justiça social, gerando emprego e reduzindo os índices de pobreza e de dependência social.

Torna-se decisivo criar mecanismos de estímulo às empresas e ao sector social, capazes de gerar emprego e reforçar a oferta e a competitividade. Esses mecanismos devem considerar não só a criação de emprego mas também o desenvolvimento de novos negócios e de respostas sociais inovadoras, nomeadamente de valorização da aldeias e das comunidades, promovendo o espaço comunitário como uma resposta social às comunidades.

É necessário ainda promover projectos de valorização ativa dos cidadãos, sobretudo aqueles que estando reformados têm ainda a capacidade e o interesse em manter actividades voluntárias de apoio à sociedade, mitigando deficiências e fragilidades dos territórios rurais.



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

A afirmação dos clusters competitivos

A visão global do Baixo Alentejo suportada numa estratégia de desenvolvimento integrado permite destacar como dinâmicas económicas relevantes vários sectores que devem ser potenciados e referidos como clusters, com significativo impacto económico na produtividade nacional, no aumento das exportações e no equilíbrio da balança comercial com outros países e continentes.

Assim, a criação de clusters torna-se essencial para uma estratégia de desenvolvimento que propomos com a necessária ligação aos centros de investigação, particularmente, às instituições de ensino superior e universitárias, sem os quais se tornarão vazios e inviáveis a curto prazo. Trata-se não só de os identificar, de conhecer as suas dinâmicas e de lhes dar uma perspetiva de sustentabilidade a médio e longo prazo como preconizou o professor Michel Porter nos anos 90 em Portugal: a investigação é a fonte dos clusters, sejam eles aeronáuticos, mineiros ou marítimos.

É assim que entendemos a potencialidade das infraestruturas e das suas envolventes como clusters:

Cluster do Atlântico ou Marítimo dinamizado em torno do Porto de Sines, nos segmentos de carga e logística mas também de energias e de ligação da Europa ao Mundo e de acesso de outros continentes ao mercado Europeu;

Cluster Mineiro que agregando as minas extrativas de Aljustrel e de Neves Corvo (Castro Verde) representam por si um elevado valor económico de grande impacto no PIB e no crescimento e consolidação das exportações. Este cluster insere-se igualmente na faixa piritosa do Sudoeste Ibérico (parte desactivada) mas com enorme potencial em várias dimensões;

Cluster Aeronáutico a desenvolver a partir de Beja com a instalação de um Hiterland Ibérico que dinamize os serviços e potencialidades do sector aeronáutico em Beja, Évora e Ponte de Sor, Faro e Sevilha;

Cluster do Turismo integrando as diferentes ofertas e produtos existentes ou a criar num contexto de relacionamento estratégico com as regiões espanholas de Estremadura e Andaluzia, o Alto Alentejo, o Baixo Alentejo e o Algarve, diversificando e enaltecendo as ofertas dos patrimónios materiais e imateriais (cante, Flamengo, Fado, Dieta Mediterrânica, Chocalhos) associados ao património edificado e ambiental e espaços de serra, campo e mar;



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

Cluster do Montado e da Transformação que valoriza a capacidade produtiva e de excelência dos produtos derivados do porco alentejano, cuja autenticidade se destaca internacionalmente e se associa naturalmente em continuidade a faixa territorial de semelhantes características na Andaluzia, em particular em Jabugo, podendo criar-se uma linha de ligação dos pontos fulcrais desde Ourique/Barrancos/Jabugo como pontos de relevância transformadora dos territórios associados e essenciais à dinamização de novos agronegócios nas áreas do azeite e dos vinhos;

Cluster das Energias Renováveis dinamizador de projectos de produção energética sustentável e limpa tirando partido do clima e do espaço que o território oferece desde o aproveitamento de albufeiras para instalação de parques fotovoltaicos, energia eólica e maremotriz em aproveitamento das fontes de energia que a região potencia na sua geografia e topografia;

Cluster Tecnológico, Digital e Inteligente capaz de gerar através da ligação de interesse e conhecimento dos diversos clusters de um segmento essencial à valorização do saber dinamizando projectos tecnológicos e digitais e de inteligência, como factores de modernização e inovação do território e das infraestruturas preparando-as para o futuro através da criação de uma incubadora de empresas de base tecnológica no Baixo Alentejo, em articulação com associações empresariais, instituições de ensino superior e entidades associativas sectoriais.



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

Preparar o futuro do Baixo Alentejo, construir o Sudoeste Ibérico

Por tudo o que aqui se expôs e também pela visão de confiança que temos na região e nos territórios envolventes acreditamos que as potencialidades do Baixo Alentejo não estão limitadas à necessidade de fazer obra e novos investimentos, está sim na capacidade de dinamizar os equipamentos, projetos e infraestruturas existentes colocando-os ao serviço de uma estratégia global. Ou seja, partimos do que existe para construir novas soluções, reduzindo os custos de investimento para o País, ganhando tempo para se iniciar a recuperação económica e afirmando a competitividade nos contextos ibérico e europeu.

Esta visão enquadra-se, assim o entendemos, no espírito do documento que o Prof. António Costa Silva preparou à escala nacional. O sentimento é o mesmo, as preocupações são partilhadas e os desafios são comuns. Desejamos construir essas soluções, com compromissos e seriedade, sem preconceitos nem lamúria. É nossa vontade acrescentar valor e reforçar a visão nacional com aquela que nos envolve e conhecemos melhor: o nosso território. Estamos dispostos a aprofundar esta visão, desenvolver estudos e reflexões para consolidar o nosso pensamento e assim apoiar com rigor e eficiência a decisão política.

A preparação do futuro do Baixo Alentejo é agora um desafio premente. Os projetos e infraestruturas já estão no terreno, mas é importante consolidá-los e uni-los em rentabilização dos seus recursos e finalidades. E a dimensão desses projetos são para além do próprio território do Baixo Alentejo, envolvem o sul de Portugal, parte do Sul de Espanha e o Norte de África. Regiões com elevados índices de pobreza e de desertificação ambiental e humana que urge contrariar, que é possível contrariar.

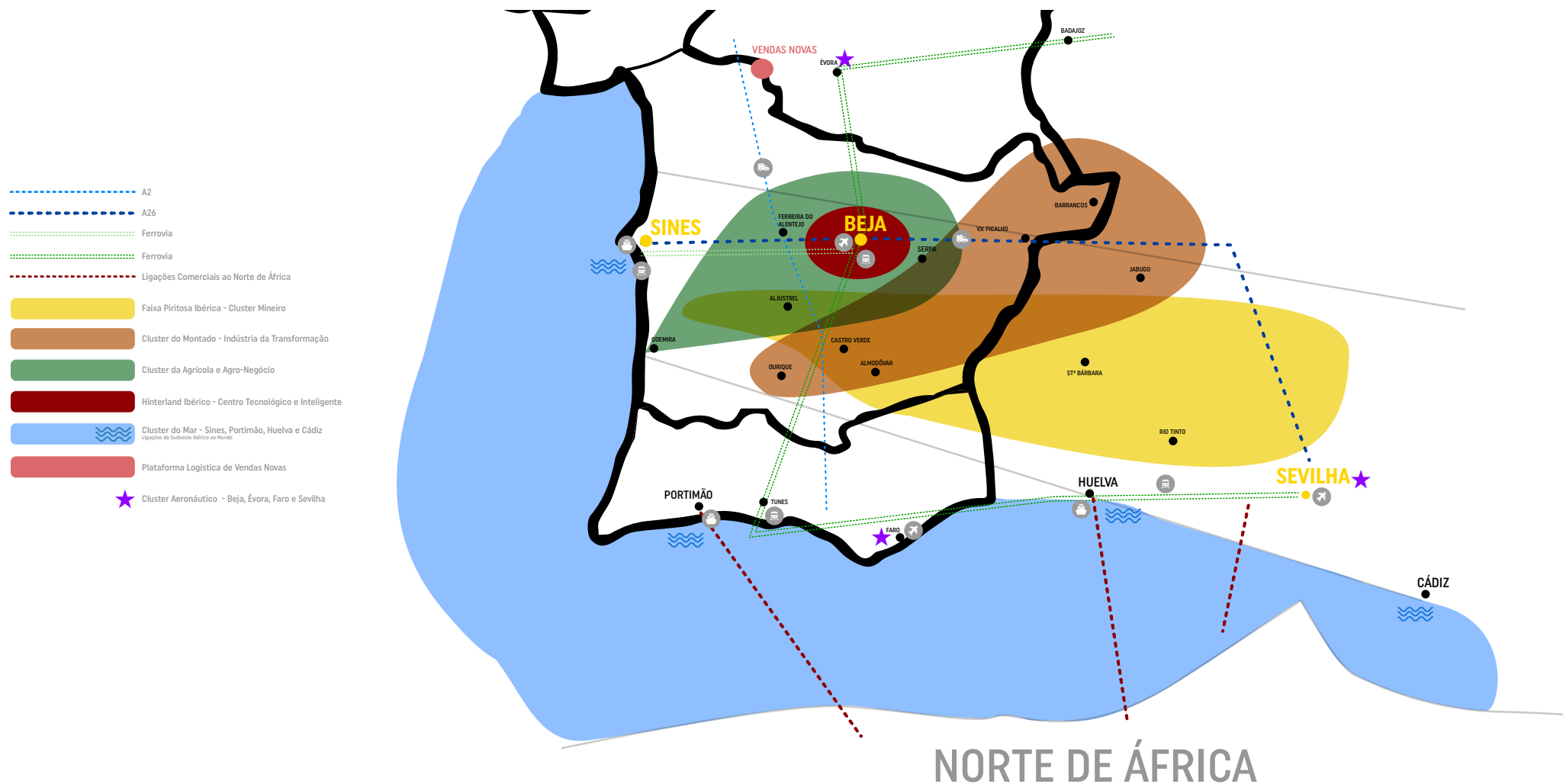
Os maiores desafios do Baixo Alentejo são ganhar dimensão e escala, servir o País e contribuir para a criação do Sudoeste Ibérico, afirmando a oportunidade e a pertinência do seu potencial. Para o concretizar, para lhe dar futuro e rentabilizar os projetos existentes apresentamos o que se considera essencial como matriz de um pensamento estratégico, que é dinâmico e construtivo.



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica
PORTUGAL 2020/2030

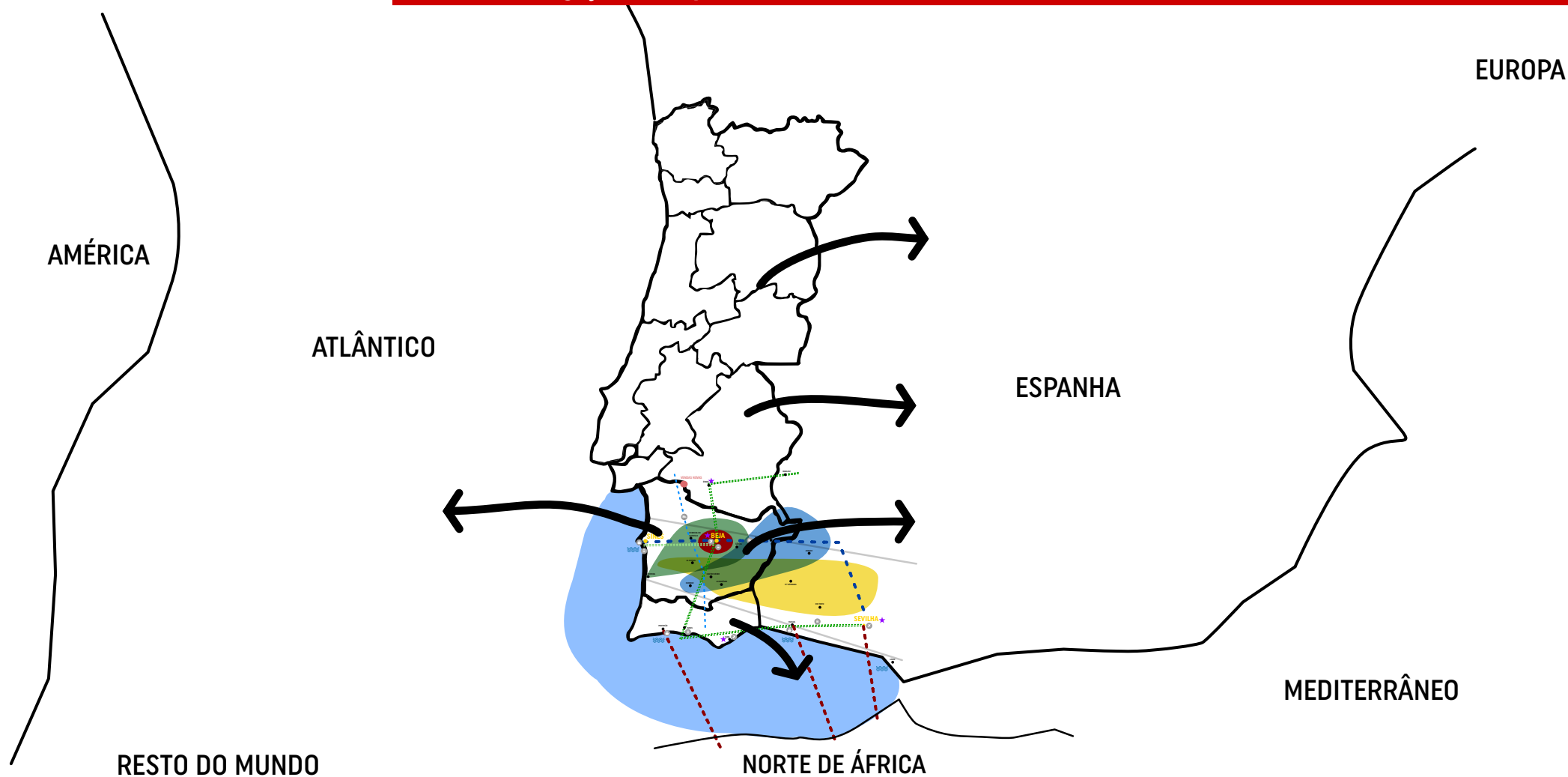
O sudoeste Ibérico: uma nova geoeconomia a partir do Baixo Alentejo



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica
PORTUGAL 2020/2030

Corredores de ligação à Europa e ao Mundo



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica

PORTUGAL 2020/2030

Potenciar as infra-estruturas

FERROVIA: A modernização da Linha do Alentejo é absolutamente decisiva para a capacitação territorial do Baixo Alentejo. A eletrificação do troço Casa Branca/Beja (investimento de 90 milhões de euros previsto no PNI 2030) deverá ser acompanhada pela extensão da linha ao aeroporto de Beja (com um custo estimado pela antiga Refer em 26 milhões de euros). Será assim criado um acesso ferroviário ao aeroporto de Beja, permitindo enquadrá-lo entre os aeroportos de Lisboa e de Faro, o porto de Sines e a região transfronteiriça da Extremadura espanhola. Aliando ao transporte de passageiros o desenvolvimento do potencial endógeno do Baixo Alentejo (agricultura, minério, porto...) encontra-se justificada a importância da reabertura da ligação ferroviária entre Beja e Ourique/Funcheira, assegurando a ligação ao Algarve. Não é aceitável a defesa da importância estratégica da ferrovia com o facto de os passageiros provenientes de Beja, Évora, Portalegre e outras cidades do interior serem obrigados a deslocar-se de comboio até à zona da Grande Lisboa para, a partir daí, conseguir chegar ao Algarve e, daí, à Andaluzia. A nova ligação entre Sines e Grândola (120 milhões de euros), prevista no PNI para depois de 2026 deverá ser antecipada.

A visão de desenvolvimento da ferrovia deve igualmente entender a importância do transporte de carga, como complemento e valorização do investimento, independentemente da procura de passageiros.

MARÍTIMO-PORTUÁRIO: Aos projetos previstos no plano (aumento da competitividade do porto de Sines e construção de um terminal de minérios, entre outros) soma-se a necessidade de insistir na via diplomática para desbloquear o projeto de construção de um gasoduto entre Sines e os Pirinéus que permitiria a Portugal exportar quaisquer tipos de combustíveis gasosos (desde o H2 ao GNL) para o centro da Europa, fazendo, por exemplo, a ligação ao porto de Roterdão que já tem capacidade de tancagem para o hidrogénio.

LIGAÇÃO AÉREA – HINTERLAND IBÉRICO: Propomos a criação e alargamento de um 'hinterland' ibérico a partir do aeroporto de Beja (cujos estudos para ampliação deverão ser iniciados de imediato), em interligação com a eventual futura plataforma logística de Vendas Novas, reforçando a vocação desta infraestrutura enquanto "aeroporto indústria" e complementar aos aeroportos de Beja e de Faro. O Hinterland deve ser desenvolvido unindo os diversos clusters aqui descritos, construído num modelo de desenvolvimento tecnológico, digital e inteligente, valorizando a envolvimento do aeroporto de Beja com bases logística, intermodal e de serviços.



PROPOSTA-PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BAIXO ALENTEJO

Contributos para a Valorização da Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica PORTUGAL 2020/2030

ACESSIBILIDADES RODOVIÁRIAS: À conclusão do IP8 (A26) entre Sines e Beja (130 milhões de euros), prevista no PNI 2030, que permitirá uma substancial melhoria do acesso ao aeroporto de Beja, junta-se a importância estratégica para o desenvolvimento do Baixo Alentejo de ligar a região à rede transeuropeia de transportes através de uma ligação entre Sines/Beja/Sevilha, o que inclui a conclusão do IP8 até à fronteira de Ficalho.

REDE DE INFRAESTRUTURAS E AMBIENTE E ENERGIA: Aos projetos enunciados no plano de recuperação económica (designadamente a construção da rede de alta tensão entre Ferreira do Alentejo e Algarve, fundamental para a exportação de energia), somamos a importância da criação de um 'cluster' de energia solar, tendo em conta a dimensão dos investimentos previstos para o Baixo Alentejo. É igualmente fundamental resolver os problemas de abastecimento de água através da ligação da Barragem do Monte da Rocha ao empreendimento de Alqueva (já contemplada no Plano Nacional de Regadios) mas também no estudo de soluções que permitam assegurar a disponibilidade de água nas barragens do Alto Sado (Alcácer do Sal) e a criação de outras reservas naturais nomeadamente nos territórios de Almodôvar e Mértola.



Com um plano, o difícil torna-se fácil...



✉ geral@obaixoalentejo.pt

www www.obaixoalentejo.pt

f observatoriobaixoalentejo

observatoriobaixoalentejo

obaixoalentejo